



AR - DE - EN - ES - FR - IT - PL - PT - ZH_TW

LEÃO XIV

AUDIÊNCIA GERAL

Praça de São Pedro
Quarta-feira, 3 de junho de 2026

[**Multimídia**]

Catequese. Os Documentos do Concílio Vaticano II III. Constituição Sacrosanctum Concilium 3. O rito, o sinal e o símbolo

Caros irmãos e irmãs!

Prosseguindo as catequese sobre a Constituição conciliar Sacrosanctum Concilium (SC) queremos deter-nos a refletir sobre alguns elementos constitutivos da sagrada liturgia, tais como o rito, o sinal e o símbolo.

O Concílio Vaticano II, aproveitando o precioso trabalho do Movimento litúrgico, ajudou-nos a redescobrir uma verdade muito viva na consciência da Igreja antiga e no ensinamento dos Padres. Os ritos da liturgia cristã não são um revestimento exterior do mistério sacramental, um conjunto de cerimónias arbitrárias, mas são a mediação eclesial através da qual o dom divino nos alcança. Precisamente por isto, o Concílio convida a compreender o Mysterium fidei que se realiza na liturgia através dos ritos e das orações (cf. SC, 48).

O rito dá forma à ação litúrgica e, através dela, à nossa vida, gerando em nós uma sensibilidade espiritual que nos torna capazes de nos deleitarmos com a presença de Deus por meio de Jesus Cristo. Naturalmente, isto acontece se não nos mantivermos estranhos ou espectadores mudos (cf. *ibid.*) em relação à liturgia, mas nela participarmos com todo o nosso ser – corpo, mente e coração –, em obediência ao mandamento do Senhor. Através do rito sagrado, somos assim formados para a escuta da Palavra de Deus para a ação de graças e a adoração, para a partilha fraterna e a comunhão eclesial. Descobrimos que somos uma assembleia com muitos rostos, reunida pela mesma fé.

O rito envolve-nos numa sequência bem definida de gestos e orações, que por vezes pode contrastar com a nossa tendência individual para a espontaneidade. A sua lógica, porém, não é a de aprisionar a liberdade em esquemas. Pelo contrário, com a sobriedade solene dos seus ritmos, o rito interrompe as atividades frenéticas, reconduzindo-nos ao essencial. Descobrimos assim outra dimensão do agir, não guiada por cálculos produtivos e outra experiência do tempo e do espaço. No rito experimentamos uma lógica de gratuidade, encontramos uma pausa que regenera o coração, reconhecemos que somos precedidos pela graça divina, aprendemos a viver num ritmo habitado pelo Espírito Santo.

A gramática do rito está imbuída dos sinais e dos símbolos próprios da liturgia. Nela, como afirma o Concílio, «os sinais sensíveis significam e, cada um à sua maneira, realizam a santificação dos homens» (*SC*, 7). O *Catecismo da Igreja Católica* aprofunda o valor destes sinais, recordando que «a sua significação radica na obra da criação e na cultura humana, determina-se nos acontecimentos da Antiga Aliança e revela-se plenamente na pessoa e na obra de Cristo» (n. 1145). Emblemático é o sinal da água: das origens da criação ao dilúvio, da travessia do Mar Vermelho ao Jordão, até à água que jorra do lado de Cristo e se torna sinal sacramental da imersão na sua morte e ressurreição.

“Sinal” e “símbolo” são termos frequentemente utilizados como sinónimos. Na realidade, um sinal é simbólico quando é capaz de remeter não só para uma ideia, mas para todo um sistema de significados e de valores. Assim, por exemplo, quando somos aspergidos com a água benta, reaviva-se em nós a consciência do dom recebido com o Batismo e a nossa adesão à vida nova em Cristo. Em segundo lugar, os símbolos têm essencialmente um carácter prático, sendo em primeiro lugar ações: mais simples e comuns, como ajoelhar-se e trocar o sinal da paz, ou mais exigentes, como os atos constitutivos de cada Sacramento. Acima de tudo, os símbolos têm uma singular dimensão performativa e

...sacramentalmente os ritos, os símbolos tem uma singular dimensão permanente e transformadora, tanto em relação aos elementos materiais que os compõem, como em relação àqueles que entram em contacto com eles, gerando pertença, tocando o coração e a mente, suscitando relações eclesiais autênticas.

Na Carta Apostólica *Desiderio desideravi*, o Papa Francisco, fazendo sua uma afirmação de Romano Guardini, identificava «a primeira tarefa do trabalho da formação litúrgica: o homem deve voltar a ser de novo capaz de símbolos» (n. 44). Precisamos de nos deixar educar pelos ritos da liturgia, cuidando com delicadeza e sem arbitrariedade da beleza das nossas celebrações e empenhando-nos numa autêntica mistagogia. A experiência de uma liturgia viva e devota, acompanhada por uma catequese mistagógica oportuna, é o melhor recurso para despertar em todos aquela abertura ao encontro com Deus que, na lógica da encarnação, só pode acontecer envolvendo todo o homem: espírito, alma e corpo (cf. 1 Ts 5, 23).

Saudações:

Saudos com cordialidade a todos os peregrinos de língua portuguesa! Queridos irmãos e irmãs, neste mês dedicado ao Sagrado Coração de Jesus, aproximemo-nos da fonte da misericórdia e da ternura de Deus, para que o Ressuscitado transforme o nosso coração, tornando-o mais paciente, generoso e compassivo. Que o Senhor vos abençoe!

Resumo da catequese do Santo Padre:

Na Liturgia, o rito, o sinal e o símbolo são a mediação eclesial dos dons divinos: por meio deles, podemos saborear a presença de Deus em Cristo. A solene simplicidade da Liturgia feita de gestos e orações, leva-nos a experimentar uma lógica essencial de gratuidade, na qual a graça nos precede, para além da agitação mundana. A *Sacrosanctum Concilium* mostra que esses sinais sensíveis significam a santificação do homem e que o símbolo remete para um conjunto de sentidos e valores: a água, por exemplo, jorra do lado de Cristo e torna-se sinal sacramental da imersão batismal. Por isso, é necessário deixarmo-nos educar pelos ritos da Liturgia, cuidando da beleza das celebrações e empenhando-nos numa autêntica mistagogia.

Copyright © Dicastério para a Comunicação - Libreria Editrice Vaticana



A SANTA SÉ

